

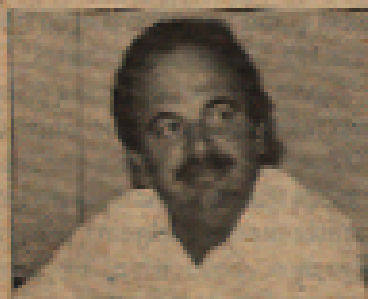
Diretores do IBGE percorrem o País

Verificar diretamente as principais dificuldades do recenseamento e agir de forma a reduzir os seus efeitos. Este foi um dos motivos que levaram os diretores setoriais do IBGE a percorrerem vários estados brasileiros no primeiro mês do Censo 91. O Diretor Geral, José Guilherme Alencar dos Reis, foi aos estados do Sul; o Diretor de Pesquisas, Lenildo Fernandes Silva, aos estados do Norte; o Diretor de Geociências, Mauro Pereira de Mello, aos do Centro-Oeste; e o Diretor de Informática, Nuno Duarte da Costa Bittencourt, aos estados do Nordeste.



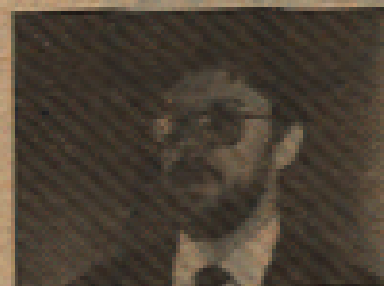
Aos estados do Sul do País o Diretor Geral foi acompanhado do Coordenador Geral do Censo 91, David Wu Tai. "Tivemos problemas previsíveis dada a complexidade e o tamanho da operação, mas o ritmo da coleta de dados está se desenvolvendo de maneira satisfatória" - disse José Guilherme. Segundo ele, as entrevistas devem acabar em novembro na maioria dos estados, com exceção de alguns lugares de difícil acesso, onde os trabalhos se prolongarão até o início de dezembro.

O Diretor de Geociências, que visitou os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, ressaltou o trabalho especial desenvolvido pelo IBGE, em conjunto com a FUNAI, para recensear as áreas indígenas. "Notícias estatísticas regionais realizaram um belo trabalho junto às comunidades indígenas, contratando inclusive índios, para fazer a pesquisa" - disse Mauro Pereira de Mello.



Também o Diretor de Pesquisas, que visitou os estados do Pará, Amazonas, Amapá e Roraima, destacou o trabalho feito pelos estatísticos regionais. "Nosso pessoal desenvolveu um papel importantíssimo na divulgação do Censo 91 junto à população" - explicou Lenildo Fernandes da Silva. Para ele, o recenseamento é uma realidade e o andamento dos trabalhos deverá permitir o correto cumprimento do cronograma previamente estabelecido pelo IBGE.

Murumbão, Piauí e Ceará, foram os estados percorridos pelo Diretor de Informática. "Tivemos muita receptividade junto ao público e procuramos pensar os benefícios do Censo 91 a toda população, como uma iniciativa que servirá também às empresas privadas e não apenas ao Governo" - esclareceu Nuno Duarte da Costa Bittencourt. Ainda de acordo com ele, a descentralização de apuração permitirá reduzir em um ano o prazo para apuração dos dados.



Presidência da República Fernando Collor de Mello Ministro de Estado, Paulo de Tarso Sant'Anna Ministro do Planejamento Maurício Maranhão IBGE Presidente do Conselho Nacional de Estatística José Guilherme Alencar dos Reis Diretor Geral José Guilherme Alencar dos Reis Diretor de Pesquisas Lenildo Fernandes da Silva	Ministério do Planejamento Maurício Maranhão Ministro de Estado Diretor de Planejamento Maurício Maranhão Diretor de Estatística Maurício Maranhão Diretor de Informática Nuno Duarte da Costa Bittencourt Diretor de Geociências Mauro Pereira de Mello Diretor de Demografia José Guilherme Alencar dos Reis	IBGE Presidente do Conselho Nacional de Estatística José Guilherme Alencar dos Reis Diretor de Pesquisas Lenildo Fernandes da Silva Diretor de Geociências Mauro Pereira de Mello Diretor de Demografia José Guilherme Alencar dos Reis Diretor de Informática Nuno Duarte da Costa Bittencourt Diretor de Geociências Mauro Pereira de Mello Diretor de Demografia José Guilherme Alencar dos Reis	IBGE Presidente do Conselho Nacional de Estatística José Guilherme Alencar dos Reis Diretor de Pesquisas Lenildo Fernandes da Silva Diretor de Geociências Mauro Pereira de Mello Diretor de Demografia José Guilherme Alencar dos Reis Diretor de Informática Nuno Duarte da Costa Bittencourt Diretor de Geociências Mauro Pereira de Mello Diretor de Demografia José Guilherme Alencar dos Reis
--	---	--	--

Coleção
IBEGEANA

IBGE - CDDI/DEDOC
REDE DE BIBLIOTECA

Censo

Rio de Janeiro, segunda-feira, 14 de outubro de 1991 • Ano I • nº 6 • IBGE

D. Helder: "Censo para mudanças sociais"

Censo X Senso

Foi publicado pela jornalista Christine Naji em sua edição do jornal matutino "O Dia". Faria a reportagem ao apertado de São Paulo. Começa por um dos "senso" - "Senso", "Senso", "Senso" que virou "Senso", "Senso", "Senso". O título: "O Senso - O Senso". A reportagem vai até ao "Senso". Ele responde: "Senso". "Senso" é o "Senso" de tal, com "Senso", "Senso", é a intenção de mostrar o "Senso". Não cabe à reportagem julgar. E com isso vem, publicado no mesmo jornal, uma matéria que trata da complexidade estatística, na Zona Norte do Rio, em quando de recenseamento. São histórias de "Senso", embora algumas não sejam reais.

Jardins sem flores

No artigo publicado no jornal matutino "O Dia", passam por situações difíceis, desde de desordem e de violência dos moradores de favelas nos estados de diferentes estados. Faltam também onde existem favelas e apenas de segurança socialização, além de guardas e policiais particulares. Nos jardins, há de dizer, os moradores não conseguiram trabalhar. Ninguém os ajuda. O que se pede ao governo é de direção do Censo e os superiores, que está limitado apenas a situação, e obter os resultados necessários.

Quando os extremos se tocam

Na Revista, os recenseadores estão enfrentando a mesma dificuldade de obter informações e de desenvolver quanto à qualidade de sua pesquisa nos dois universos diferentes, e até opostos: Na Capital, São Paulo, a realidade é melhor, os recenseadores é do Conselho de Estatística, onde tem o primeiro estado do governo estadual, além de pessoas de nível médio e salários destacados. Fora do Rio Branco, as dificuldades são no estado dos favelados e nas regiões de favela.

Sem Figuração

A cidade de Rio de Janeiro, na Zona de Mata, em Minas Gerais, que passou o ser recenseado em todo o Brasil, por ser de controle para a população da TV Globo, aumentou sua população em apenas 11 pessoas em 1980-1990. No Censo 91 o IBGE foi de 1.544 habitantes, enquanto no Censo 80 a população era de 1511 pessoas. A população da cidade é de 1.544 habitantes, que são todos jovens, e, ainda passando em relação a população da cidade inteira, quando houver necessidade de figuração.



Na década de 20, os brasileiros desconfiavam muito de um pessoal bom de conversa, que percorria o País do Norte a Sul, munido de papéis e pastinhas, fazendo muitas, muitas perguntas. A população costumava entender que aquela gente perguntadora eram os recenseadores do IBGE, realizando o IV Recenseamento Geral do Brasil, o primeiro levado a termo em bases científicas, já então com vistas a indicadores sociais e econômicos. Mas o povo achava que aquilo era algum tipo de alistamento compulsório para a Primeira Guerra Mundial.

A lembrança bem humorada foi do Arcebispo de Olinda e Recife, D. Helder Câmara, recordando certos antigos, quando, no início do mês recebeu a pesquisadora do IBGE para o Censo 91.

Para D. Helder Câmara, hoje esse tempo já não aflige mais os brasileiros, embora o medo pela Guerra Mundial tenha, em certo sentido, colado espaço à parâmetro da violência urbana, que vem obrigando recenseadores a verdadeiros malabarismos para cumprir suas tarefas.

Segundo o D. Helder, por pior que seja o quadro da realidade brasileira a ser pintado com as informações que estão sendo recolhidas pelos recenseadores do IBGE, "somente conhecendo melhor sua realidade, o Brasil poderá atuar de forma efetiva na solução de seus problemas".

Com sua lucidez característica, D. Helder Câmara acha que "se houver, como se imagina, maiores problemas e mais dificuldades no País, será preciso que nos unamos ainda mais para vencê-los, pois só conhecendo esta realidade poderemos lutar por efetivas e permanentes mudanças sociais. As pessoas terão que colaborar com os recenseadores do IBGE, fornecendo dados e informações corretas" - disse ele.

Dos números também nasce a fantasia



Foto: Tereza LAM

A evidente poesia que há nas moças, uma vasta literatura, através dos séculos, tratou de registrar; a secreta poesia dos números criou uma atmosfera de iniciações fascinantes, que também atravessa os séculos. Vem o Censo e junta a frieza aparente dos números com a natural alacridade das moças. É claro que existem também os moços reconhecidos, tantos quantos são as moças do Censo. Mas aqui estamos falando delas, diante de quem os cidadãos comuns vivem seu momento de fantasia. E diante de quem os poetas — poetas.

No Censo de 1970, Drummond chegou a sugerir um Censo a cada ano "com uma garota assim a censurar".

No Censo 91, o escritor catarinense Flávio José Cardoso sorri o bom sorriso e abre as portas do coração: "Me pergunte, moça".



Foto: Tereza LAM

Assanhamento

Que venha o censo 70
e com ele venha
a recenseadora mais bacana,
aquela que ao dizer, com voz
de açúcar
(a doce voz é a melhor
senha):
"Preencha direitinho
este questionário por favor",
tenha sempre dos homens a
resposta:
"Por favor minha flor,
preencho tudo, sou capaz até

de reclamar duzentos
questionários,
passando a vida inteira a
preenchê-los,
mesmo os mais complicados
e mais vários
tendo-a a meu lado, é claro, a
me ajudar".

Ah, por que o Governo
não faz todo ano um Censo
com por cento
com uma garota assim, a
censurar?

Por que não reformula
a engrenagem severa da
Fazenda
e bota a coleção destas
meninas
cobrando a domicílio
(pois resistir quem há de ao
seu veneno)
todas as taxas, todos os
impostos
inclusive - terrível - o derênda?

Carlos Drummond de Andrade



Art. =

Me pergunte, moça

Estou me concentrando para re-
ceber a moça do IBGE. Ou o moço,
sei lá eu, ou alguma simpática se-
nhora, ou algum cidadão que, apo-
sentado, decidiu alistar-se no
batalhão do censo para distrair as
horas vagas e ganhar um tutuzinho
extra, coisa mais do que saudável,
alida, nesta altura do nosso duro
campeonato. Quem me procurará
com sua pastilha e suas Interroga-
ções? Claro, faço discreta torcida
para que seja uma moça, moça tem
o condão de tornar o burocrático
mais macio, é uma velha sensação
que tenho, mas fica publicamente
declarado que qualquer visita será

considerada de honra e vai, de res-
ta, mais que um dever de civildade
e civismo. Afinal, é visita: afinal, é o
censo. Bom motivo até, se a hora
calhar das regras do IBGE não im-
pedirem, para um café com pão de
casa. Doce de carambola, mel da
Cidade das Abelhas. Ou uma batida
de caju, pelo menos.

Um amigo que já foi recenseado
(e por uma moça) me previne que
há duas espécies de questionário - o
reduzido, com apenas mais dúzias de
perguntas, e um outro mais compli-
cado e miudeiro, que aplicam de



dez em dez ca-
sas, e no qual o
Governo quer
saber, pelo jeito,
até o número do
ninho colarinho.

O amigo respon-
deu ao primeiro,
mas afirma que teria respondido ao
segundo com o maior agrado, posto
que a moça era uma graça de pes-
soa, deparar com quem o mais modo
dos filhos de Deus ficaria conver-
sando semanas.

Mas volto a dizer que quem vier
será acolhido alegremente. E mais:
espero que me submetta ao quesiti-
onário grande, ou ficaria bem frustra-
do se a moça chegasse aqui em casa,
jogasse umas questionários chin-
frins do tipo qual sua idade? tem
automóvel? e fosse embora.

Falo sério. Quero perguntas, mu-
tas, uma tarde inteira de perguntas, é
só a moça, ou seja lá quem for, ir



Foto: Tereza LAM

UM CIDADÃO*

Nesta manhã de 1º de setembro, preparei
me para receber o recenseador, ou recensea-
dora, que terá comigo uma entrevista de meia
hora no domicílio. Milhões de pessoas, em todo
o país, acham-se na mesma situação. Terei de
responder a 10 perguntas muito simples, se o
caso não me lembrar o "questionário para
amostragem", que compreende mais 37 inda-
gações - mas estas só serão feitas de quatro
em quatro domicílios, e também não são
feitas de mão estendida.

Basicamente, serão interrogado sobre meu
nome, idade, nacionalidade, se sei ler e escre-
ver, etc. Por isso, não tenho o menor interê-
se em ficar retido em casa durante 30
minutos, para dizer coisas do tipo: moro à

moça ou rapaz, obviamente bem educado,
que daqui a pouco ficará a companhia. Ad-
mito que a visita seja um agradável, para o
recenseador foi convidado, não para me abor-
recar, mas para me castigar a si mesmo. E a
moça pode ser bonita, nesse caso olhar para
ela já é um prazer a domicílio. Não será
estressante, clamamos por ela, tempo, dedi-
car a um momento com o melhor material de
muito valor, para criar-lhe quem sou, ao que
seu fim de saber quem sou, e de que que não
tem absolutamente nada a ver com isso?

Não. Dão respostas que eu ficaria incor-
recido as mesmas consequências. Por estatís-
tica que perigo, o Brasil está interessado
em computar os dados de minha total per-
sôa, cada por meu nome, idade, aparência,

mente indagações, a que poderá decidir de
tudo de lá pra cá, Brasil, o meu mundo de
outros habitantes e não mais além região periférica,
afirma ao viver de lá. Certo a acreditar,
mas é verdade. Se não me conhecer bem,
seu país não poderá fazer nada de bom pela
comunidade que vive aqui. Nenhum plano
concreto será estabelecido, nenhum programa
válido de Governo será concebido, se eu não
abrir a porta ao jovem do Recenseamento, ou
se der melhores ideias de meu mundo. Tudo
que pode ser resolvido nos dias próximos - hu-
manização da vida urbana e da vida rural -
importando em tempo-estar, instrução e justi-
ça, por meio de serviços.

* Crônica de Carlos Drummond de Andrade
publicada na edição de 1º de setembro de 1970 do
"Jornal do Brasil".

*Flávio José Cardoso é cronista e crítico catarinense, autor de uma obra literária respeitável e conhecida no País inteiro. Entre suas obras estão: Singeduras, de Poetas
Globo; Zélio e Outros, da Livraria Francisco Alves e Longinquas Baleias, de Littera
Litterell. Presente em algumas das principais antologias de crônicas modernas, entre elas
Os 18 Milhões Contos do Brasil, de Hércules Littera, Flávio José Cardoso é também ligado
ao teatro e à televisão, onde vem atuando na área de dramaturgia e espetáculo.*